

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE

AUTA DE SOUZA

DHALIAS

(1893-1897)

NATAL/ RN

2021

DHALIAS

(1893-1897)

DHALIAS (1893-1897)

Copyright ©2021 Centro Universitário do Rio Grande do Norte
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Organizadores:

Fábio Fidelis de Oliveira

Padronização e-book:

Fernando Roberto Brandão da Silva

Digitalização:

Centro de ciências humanas, letras e artes – Departamento de História
LABIM - Laboratório de Imagens: digitalização de documentos raros - UFRN

Catálogo na Publicação - Biblioteca UNI-RN
Setor de Processos Técnicos

Souza, Auta de, 1876-1901

Dhalias (1893-1897) / Organização de: Fábio Fidelis de Oliveira –
Natal: Centro Universitário do Rio Grande do Norte-UNI-RN, 2021.

203 p.

ISBN (Digital): 978-65-88305-06-5 Fac-Símile

Fac-símile da versão original do livro de coletânea de poemas escritos
entre 1893 e 1897

1. Poesia. 2. Poema. 3. Literatura Brasileira. I. Liga de Ensino do Rio
Grande do Norte. II. Título.

RN/UNI-RN/BC

CDU 82-1

Fernando Roberto Brandão da Silva (CRB 15/383)

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

Presidente

Manoel de Medeiros Brito

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitor:

Daladier Pessoa Cunha Lima

Vice-Reitora:

Ângela Maria Guerra Fonseca

Pró-Reitora Acadêmica:

Fátima Cristina de Lara M. Medeiros

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Prof. Aluísio Alberto Dantas

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

UNI-RN CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
Rua Prefeita Eliane Barros, 2000 – Tirol – Natal/RN – CEP 59.014-540
Web Site: <http://www.unirn.edu.br/> - E-mail: reitoria@unirn.edu.br

Phalias

Nota de Souza

Nada do que está escrito é bello: o que ha de mais divino no coração do homem nunca se sa' saber. O instrumento é de carne; o nota é de fogo. — Entre o que se sente e o que se imperiosos, ha a necessaria distancia e' que entre a alma e os trinta e quatro letras de um alphabeto. Solo quasi dizer o infinito. Quasi traduzir em uma flauta de carne a harmonia das espheras? O amor completo é paciente porque é almo. Solo é sento de eterno.

Samarthie - Raphael

Anta de Souza

Phalias.

(1893 - 1897)

Macahyba.

Macahyba

1

A' memoria de meu pae,
de minha mãe
e de meu irmão.

De humilde, do teu lado te regaças!
Amor, a palavra te salguero afflicto
Var, para, meu livro! E como livro agitado
Escreve, me no livro como de... agitado

C. Alves.

A' minha avó e a meus irmãos.

As boas Irmãs do Collegio da Estancia,
almas piedosas e simples que me edu-
caram o coração e o espirito, offereço
+ que houve~~st~~ de mais singelo e puro
n'este livro de versos.

8
Men Deus, nas fôrças de amor e de
Sobram perfunções - De não falta amor.
C. d. Abreu

8

Primeira pagina.

(A' minha avó)

Minh' alma vai cantar, alma sagrada!
Raio de sol dos meus primeiros dias ...
Gotta de luz nas regiões sombrias
De minha vida triste e amargurada.

Minh' alma vai cantar, velhinha amada!
Rio onde correm minhas alegrias ...
Anjo benedito que me refugias
Nas tuas azas contra a sina irada!

Minh' alma vai cantar... Transforma o rio
N'um cope santo de caricias cheio,
Para este livro, - todo o meu thesouro... -

Eu quero vel-o, em desejada calma,
No rico sanctuario de tu' alma ...
- Hostia guardada n'um ciborio de ouro! -

Angelina.

(A' memoria de Angelina P. da Silva)

Brilhante como uma estrella,
creanga e já n'uma cova!
J. Gustachio de Aguiar.

Ter doze annos sorridente
E n'esta idade soffrer!
Sonhar um porvir ridente
E n'esta aurora morrer!

Eis o que foi-te a existencia,
O' desditosa Angelina,
Dõe Lyrio de innocencia,
Sobre gotta de neblina..

Como dois botões pequenos,
Duas flores ovalhadas,
Seus olhos dormem serenos
Sob as pupilas curadas.

Voaste, meiga criança,
 Cão feliceira e mimosa,
 Como um riso de esperança,
 Como uma folha de rosa.

É triste morrer no fim
 De uma manhã d'esplendores!
 A fronte occultar assim
 N'uma grinalda de flores.

E sentir por entre a dor
 Da derradeira agonia,
 De mãe um beijo de amor
 Rocar a fronte já fria.

Quando, n'um suspiro leve,
 Est'alma que o corpo encerra

Como uma pomba de neve
 A desprender-se da terra; -

Num vôo suave e franco
 Fugiu para o Céu de azul.
 Vestirão-te então de branco
 Como uma noiva gentil.

No setimco caixãozinho
 Mais puro que as alboradas,
 Depuserão teu corpinho
 Entre as cambraias nevadas.

Ahi no funereo leito,
 Toda coberta de rosas,
 Sendo cruzadas ao peito
 Duas mãosinhas formosas;

10 21
Pareces um anjo santo
Envolto em gelido véo,
Transpondo azulado manto
Como em procura do Céu.

Eu sigo-te o vôo alado
Pela esphera diamantina,
O meu anjo immaculado,
O' minha santa Angelina!

Passando...

(Ao talentoso poeta Dr. Celestino Wanderley, em agradecimento a sua "Morte de Cecy.")

Quando vier - me passar risos e salmas,
Sem um pezar que me annurie a fronte,
Olhar perdido além pelo horizonte,
Cuidão que leve o paraizo n'alma...

Mesmo já achiei quem me dissesse um dia:
"Inveja-te a existencia desenhada."
Como se espinhos não tivesse a rosa
Ou fosse a vida isenta de agonia!

Forém conquanto, desdenhosa e altiva,
Eu vou passando, alegre ou pensativa,
A rir, a rir, como um feliz demente...

Meu pobre coração dentro do peito,
- Criste doente a agonisar no leito -
Vai soluçando dolorosamente...

Renato.

Um menino interessante
 É o Renato de Carminha;
 Um cheurbim tão galante
 Cuidai que a tusa não vinha!

É como lhe assenta bem
 A roupinha azul que veste..
 Há - lhe o ar de quem vem
 De uma paragem cebo.

Quando elle passa, tão lindo!
 A Tardinha se passear ...
 Todos lhe fallam sorrindo
 Com vontade de o beijar.

As mães o chamão: filhinho!
 As moças dizem: meu bem!
 Mas o capitão do anginho
 Não olha para ninguém.

Como elle fica engraçado,
 - O pequenino tãful -
 Com o seu bonnet, posto ao lado,
 Codo de velludo azul.

O seu cabellito louro
 A se escapar do chapéu,
 Parece uma nuvem de ouro
 Querendo sahir do Céu.

Olhos azues.

(A Palmyra Magalhães)

O teu olhar azul claro
Reflete não sei que luz,
O brilho fulgente e raro
Do amigo olhar de Jesus.

Eu cuido ver todo o encanto,
Toda a belleza do Céu,
N'estes teus olhos sem pranto,
N'estes teus olhos sem véo

Sinto uma doce ventura,
Uma alegria sem fim...
Se d'elles a chamma pura
Ao vento cae sobre mim.

São flôres azues boiando
A tona d'agua, de leve,
Estes dous olhos beijando
O teu semblante de neve.

Este queixume amado!

Salvez minh' alma mesmo a ti voasse
 E n' um berço de flôr illa embalasse
 Um riso abençoado.

Mas não, recenta bem: eu não te amei;
 Se me quizeste amar mesmo não sei...

Meu sonho é tão diverso!

Conhe alguém a quem amo mais que a vida,
 Deus abençõe esta paixão querida,
 Eu sou noiva de Verso.

E foi assim... A um dia muito frio,
 Achei meu ser de illusões vazio
 E o coração chorando...

Era o meu ideal que se ia embora
 E eu soluçava enquanto alguém lá fora
 Baixinho ia cantando:

285
" Eu sou o orvalho sagrado
Que dá alento e vida as flores,
Eu sou o balsamo amado
Que sara todas as dores.

Eu sou o pequeno copre
Que guarda os risos da aurora,
Perto de mim ninguém sofre,
Perto de mim ninguém chora.

Todos os dias bem cedo
Eu saio a procurar lyrios,
Para enfeitar em segredo
A negra cruz dos martyrios.

Vem para mim alma triste
Que solucas de agonia,
No meu seio o Amor existe

287
Eu sou filho da Poesia.»

Min coração despiu toda a amargura
Embalado na mystica doçura

Da voz que susurra,

Presa do Amor na suspirosa calma
Eu fui abrir as portas de minh'alma
Ao Vento que passava ...

Desde este dia nunca mais deixei-o;

Elle vive cantando no meu seio

Numa algazarra louca!

Eue seria de mim se elle fugisse,

Eue seria de mim se não ouvisse

A voz de sua bocca!

Não posso dar-te amor, bem vê; meus sonhos
São da Poesia os ideaes risinhos

Em lago de ouro imersos...

Tu não sabes dourar os meus abrolhos,

E eu procurava apenas nos teus olhos

Assumpto p'ra meus versos.

7-96.

De longe ...

(A minha amiga Antonia Araújo)

Para os teus annos, formosa,
Onde não vão meus desejos?

Mas longe de ti, saudosa,
Só posso enviar-te beijos.

Seria porém com pressa,
Cheia de muito receio
Que eu faria esta remessa
De beijos pelo correio.

E então, pelo arago alado
Eu vou collal-os em bando,
Como um batalhão domado
De passarinhos voando.

Podem assim, os amores,
Levar-te n' aza dispersos:
Minh' alma desfeita em flores
E meu coração em versos

26-11-96

Partindo.

« Espere em voltarei, » elle dizia:

(Quanto era triste e sem olhos tão doces!)

Chorosa e terna a fallar lhe tremia

Como se a corda de algum' harpa fosse.

E ella, a pallida moiva estremecida,

Fitou no amado os grandes olhos seus...

E murmurou, baixinho e commovida,

Suasi a chorar e muito a mudo: Adeus!

Antonietta .

Esta criança formosa
 Com um sorriso argentino,
 Como o gorgueio divino
 Sue solta uma ave saudosa .

Muito innocente e mimosa
 - Semelha um lyrio franzino, -
 No rostinho pequenino
 Guarda uma bocca de rosa .

Se falla a voz adorada
 Parece uma harpa encantada
 Sue os hymnos de Alim descenda ...

Esta criança, Senhor!
 E' um minio de teu amor
 Ahm anjo descido a terra .

Meu sonho

(A' desconhecida amiga Eugenia B. de S. Mello)

Eu tenho um sonho que no céu mora

Feito de luz e feito de amor:

Um sonho roxo como uma aurora,

Um sonho lindo como uma flor.

E eu vivo sempre, sempre sonhando,

O mesmo sonho de noite e dia,

O mesmo sonho suave e brando

De minha vida toda a alegria.

Quando eu soluço, quando minh'alma,

Cheia de angustia fica a chorar,

O sonho amado me traz a calma

E então minh'alma põe-se a rir.

Quando nas montes frias de inverno

Eu tenho medo da tempestade,
 Elle o meu sonho, consolo eterno,
 Transforma as sombras em claridade.

Quando no seio, choroso e louco,
 Palpita incerto meu coração,
 O sonho doce vem pouco a pouco
 Crazer-me a graça de uma illusão.

É eu canto e rio na luz immensa
 D'este diluvio de phantásias ...
 Minha alma voadora no azul dispersa
 Buscando a patria das harmonias.

Illusão doce, visão dourada,
 Chimera excelsa dos meus amores,
 Perla branca, caricia amada,
 Balsamo puro das minhas dores;

Elle, o meu sonho, pharol que encanta,
Mostra-me a patria da salvação,
Sorriso ingenuo, reliquia santa
Do relicario do coração!

No Templo.

Que suave harmonia
 Com tua voz:
 Tu roubaste - a, Maria,
 Dos roucinóis.

Aqui na Igreja santa
 Se vens recar,
 Quanta piedade, quanta!
 Graças no olhar.

Maria! como és bella
 Junto a Jesus!
 O teu olhar de estrella
 Parece luz.

E que doce brancura

Na tua cõr
Vens a pallida aloura
De um lyrio em flor.

Junta estas mãos, formosa!
Assim... assim...
Meica o labio de rosa
Pedit por mim.

Vale tanto uma prece
Dita por ti...
Mas... a noite já desce
Vamos d'aqui.

Olha que em tenho medo
Da escuridão:
Vamos... termina cêdo
Uma oração.

Noemi

Eu quizerá saber em que ella pensa
Esta mimosa e santa creatura,
Quando indeciso o seu olhar procura
Alguna estrella pelo azul suspensa.

E que tristeza indefinida, immensa,
Do seu olhar na flamma ardente e pura
Interminada e suave se condensa
Como as brumas no Céu em noute escura.

Pobre criança! Que infinita magua,
Punge-te o dor e te annuvia os olhos,
— Benditos olhos sempre rasos d'agua!

Choras?! E o mundo te offerece flores...
Veias os espinhos, lagrimas e abrolhos,
Só para mim, que só conheço dores!

34.

No album ^{de Eugénia} de uma amiga.

(A' Eugénia)

~~Quanta~~ dor a boiar nos olhos das crianças,
Quanta gotta a tremor no calice das flores ...
E aqui n'este jardim, plantado de esperanças,
Eu venho inda depor a lagrima das dores.

A lagrima é o meu nome escripto entre as folhas,
Páginas de teu livro, um berço de boninas!
Fois não bastava o orvalho a tremular nas roças,
Nem o pranto a rolar nas faces pequeninas?

Wia de inverno.

(A memoria de meu irmão Junão)

N'um dia mesmo assim foi que partiste
Cheio de dor e de tristeza cheio ...

E eu fiquei a chorar n'um doudo ancio
Olhando o espaço emmerado e triste.

Não sei se magua mais profunda existe
Do que a saudade que me opprime o seio,
Sue esta amargura que feiz-me veio
Desde o momento em que tu me fugiste.

Os annos que já vão! Entretanto eu sei
A toda a hora no profundo abysmo
Que veio a morte ante de nós cavat ...

E cada noite n'aza de uma luce
Ou n'um raio de sol quando amanhece
Vejo tu' alma para o Céu voar!

Lgrimas.

(A' meu irmão João Louie de Souza)

Eu não sei o que tenho... essa tristeza
 Que um sorriso de amor nem mesmo aclara,
 Parece vir de alguma fonte amara
 Ou de um rio de dor na correnteza.

Minh' alma triste n'agonia preta,
 Não comprehende esta ventura clara,
 Esta harmonia ^{magica} ~~que os~~ e rara
 Que ouve cantar além pela devesa

Eu não sei o que tenho... esse martyrio,
 Essa saudade rosa como um lyrio
 Pranto sem fim que dos meus olhos corre...

Deve ser o suspiro doloroso,
 O estertor prolongado e angustioso
 Do ultimo adeus de um coração que morre.

A morte de Helena

«Eu não quero morrer,» dizia a pobre Helena,
 E a fronte a soluçar cahiu no travessiro...
 Ella embrava assim a pallida assucena
 Ou do galho a pender a flor do jasmineiro.

«Não me deixem morrer assim a Primavera,
 Esconde-me no seio, ó minha mãe querida!
 A morte como é triste e o noivo que me espera
 Ha de chamar por mim. Quem restitue-me a vida!

E se por a chorar: mas chegando o delirio
 Esqueceu-se da morte e começou a rir...
 Sobre noiva do Amor! Pobre folha de lyrio!
 Ella os olhos cerrou como quem vai dormir.

Querrima orange! Estava alli bem fute

A morte a se abizar de seu leito sagrado,
 Para arrastar-lhe o corpo ao tumulo deserto
 Onde não brilha o Sol nem um sorriso amado.

É quando despertou d'aquelle doce encanto,
 Conhecem que morria e cheia de pavor
 Supplicou de Jesus por seu martyrio santo
 Que a deixasse na terra ao pé de seu amor.

"Mas sei que parto sempre", acceuecentou chorando,
 "Morrer - se-me da crenga o doloroso vee ...
 Minha mãe vem conmigo, a'monte vai chegando
 E eu talvez possa errar o caminho do Céu!"

.....
 E n' esta mesma noite, escura, tenebrosa,
 Baixou a doce Helena a terra, pobre goivo!
 Mas tinha para ungi-lhe a campa luctuosa
 O m' perfume de mãe e as lagrimas do noivo.

Soneto

(A minha interessante afilhadinha, Maurina Gomes)

Eudo o que é puro, santo e resplendente,

N'este mundo cruel de decenganos;

Toda a ventura dos primeiros annos

De uma ^{alma} que desbrocha sorridente;

Eudo o que ainda vemos de potente

Na vastidão sem fim dos oceanos,

E da terra nos prantos soberanos

Craçados pela amora refulgente;

Eudo o que desce do infinito ^{amado} ousado,

O Sol, a brisa, o revolto prateado,

A luz do Amor, do Bem, das esperanças...

Eudo afinal que vem do Ee' dourado

A despertar o coração magoado,

Que encerrou nos olhos das crianças.

49
Bento o que colheu do céu, bento o que deu
Baptista o que deu

Regina Caeli. Lully

(A minha amiga Antonia Brás)

Tu nome santo, ó Maria!

Com a doçura innocente,

De uma carícia macia,

De uma chimera dolente.

N'elle se embala a esperança

N'uma meiguice dilecta,

Como no berço a criança,

Como no verso o poeta.

Do Céo teu nome nos desce

N'uma harmonia divina

Como o cicio da fúria

Nos lábios de uma menina.

Seu nome é ~~estudo~~ ~~estudo~~
 Prendido em formoso véo,
 Qual branca nuvem no Espaço,
 Qual uma estrella no Céu.

Seu nome reflecte a imagem
 Na melodia serena,
 Sue passa rindo n'aragem
 E no vojar da phalena.

Apra blandicia suave
 N'elle cantando divaga,
 Como no Azul uma ave,
 Como no Mar uma vaga.

Seu nome, cheroso lyrio,
 No niveo calice encerra
 Todo o mysterio do Empyreo,

Toda a alegria da Terra.

Como um contraste do encanto
 N'este teu nome divino,
 Toda a saudade do pranto
 E todo o affago do riso.

Ah! todo o perfume amado,
 Toda a fragrança miniosa,
 Que o colibri namorado
 Bebe no seio da rosa;

Toda a pureza do Amor,
 Todo o feitiço do olhar,
 O orvalho a cair na flor,
 Sereno a cair no luar...

Quedo em teu nome palpita,

Quão embriaga e seduz,
Como a delícia infinita
De um paraíso de luz.

É n' um canto repassado
De lyrismo que extasia,
Ceu nome vive embalado,
Ceu nome santo, ó Maria!

O Beija-flor.

Acostumai-me a vê-lo o todo o dia
De manhãzinha, alegre e prazenteiro,
Beijando as flores brancas do canteiro
No meu jardim — a patria da ambrosia —

Pequeno e lindo só me parecia
Que era do noite o sonho derradeiro...
Vinha trazer as rosas o primeiro
Beijo do Sol n'essa manhã tão fria!

Um dia foi-se e não voltou... e eu quando
A suspiar me ponho contemplando
Sombria e triste o meu jardim risonho...

Digo a pensar n'esse tempo já passando:
Talvez, o coração alanceado,
Aquelle beija-flor fosse o teu sonho!

Feliz.

Se dizes que a ventura te foi dada
 E contente tu' alma jamais chora,
 Vive sorrindo á luz de uma alvorada
 E a noite para ella é cõr d'aurosa?

Não creio n'esta dita, me perdôa,
 Ninguém na terra pode ser feliz:
 Até o sino que na torre soa
 Com sua dor, nem sempre elle bendiz.

Além, além... lá pelo Céu voando
 A modular uns hymnos tão suaves,
 Tantas aves lá se vão cantando...
 Mas tu és na ventura d'essas aves?

Repara bem n'aquella que ficou

Pousada tá no cimo d'aroeira,
Ella chora, coitada, pois deixou
Muito longe perdida a companheira.

Aves da terra, em tímidos adejos
Tambem alegres como as rolas mansas,
Bostos corados, rescendendo beijos,
Correm cantando bandos de creanças.

E enquanto passa em revoadas loucas
Esse dourado batalhão de archanjos,
Eu quero ouvir-te da risinha bocca
Se é eterna a ventura d'esses anjos.

Já que tu' alma assim a crê também:
Se te mostrasse o coração a nu',
Uma creança que perdeu a mãe
Ouve e responde: que dínhas tu'?

Inda affirma esta bocca perfumosa
 Sue ~~no~~ mundo em meio da vertigem
 Alguma coisa ha sempre ditosa:
 A consciencia santa de uma virgem.

A moça tambem chorou... Aque copre
 Guarda-lhe os prantos e o martyrio duro,
 E de todas, aquella que mais soffre.
 É a que tem o coração mais puro.

Somente tu és bem feliz... Já vês:
 Sue, se lutando com tristesas doudas
 Todos soluçãõ, é porque talvez
 Cui nos roubaste as alegrias todas.

Às luas

Astros celestes documente louros
 Girão no espaço em luminoso bando,
 Ouve-se ao longe um violar gemente
 E mais ainda n'um trinar dolente
 Canções serenas às luas voando.

Quanta tristeza pela noite escura!
 Quanta saudade pelo azul brando!
 Cuida-se ouvir n'um solonido choro
 Os preceitos tristes de um magrado coro
 De almas penadas às luas resando.

O Céu parece uma igrejainha antiga,
 Que a Lua branca vai aluminando...
 E estas estellas muito além das peras,
 São rosas brancas no infinito imensas,

Gonjas benditas ao luar chorando.

Os pyrilampos pelas montas tristes
Vão calados e sublis brilhando...

Sombra descrenças a bailar sombrias,
Ilusões mortas de passados dias,
Almas de loucos ao luar passando.

Flocos de nuvens pela Cephura adejão
Barcos de neve pelo Azul formando...
Semelhanças preces que se vão da terra,
Almas minivas que este mundo encerra
De creancinhas ao luar sonhando.

Elles parecem também velas brancas
Soltas, a Trã, pelo mar vogando...
Seves e tenues, a cores, immentas,
Petalas de lyrios pelo Ar suspensas,

Aves saudosas ao luar chabrando.

Ai! quem me dera ter também criança!

Ai! quem me dera andar também roendo!

Fazer dos astros um barquinho amado,

W'elle vagar por todo o céu dourado...

As minhhas dores ao luar cantando!

Desalento.

Quando o meu pensamento se transporta
 As praias d'alem-mar,
 Sinto no peito uma tristeza immensa
 Que me manda chorar.

É que vejo morrer uma por uma
 Santas aspirações,
 E voar com os passaros saudosos
 As minhas illuções.

Não julguei que o mundo fosse um templo
 De sonhos juvenis,
 Sorriundo acredittei que aqui na terra
 Podia ser feliz...

Organei-me - a tristeza que me opprime

O coração sem luz,
 Como do Sol o derradeiro raio
 Nos braços de uma Cruz;

A tremula sanidade que entristece
 E faz desfalecer,
 Esta agonia lenta que me inspira
 Desejos de morrer...

Basta-me dizer que a vida é o desenganho,
 A morte da Ilusão,
 E o mundo um grande campo de tristezas
 Sobre o qual o coração

1893.

Página triste

Al! vem, vem ter conmigo
Deixa os que te não seguem;
Deixa os feitos amigos
Lágrimas que te reguem,
Bepaço com que florescas.
J. Dias.

Quita dor por este mundo a fôr,
Quita lagrima a trã derramada,
Quito pranto de mãe angustiada
Eve vem sandar a desportar d'aurora!

Alma innocente só de amor recada
A meancinha a solugar descora:
Calvez no berço onde um infante chora
Eambem, o' Dor, ta queizoso, desolada,

Esquer um throno, procura guarida...
Foge do berço! não magões a vida
D'est'ave implume, lyrical botão.

Quero um ninho, um carinhoso abrigo?
Pois bem! procura-o n'este seio amigo,
Dentro em minh'alma, aqui no magão.

Morta

(A memoria da minha amiga Laura da S. Beltrão.)
 A Laura Beltrão

Dos braços da mãe querida
 Desceu Laura a sepultura;
 Morreu na mancha da vida
 Criança ainda e tão pura!

Não viu desbrochar-se a alma
 A aurora dos quinze annos,
 Fugiu innocente e salma
 Ao mundo cheio de enganos.

Bem-me, pobre mariposa!
 O encanto louco das brisas,
 Tois na fôrça de uma lousa.
 O archange não queima as asas.

De todo o choroso dia

Só nos ficou na lembrança

Como visão fugidia

D' aquella virgem creança :

Um saiaãoinha fúnebre

Abyrro de novas dores -

Conduzido ao cemitério

Como uma cesta de flores.

A' alguém.

Partes : se o fio branco e delicado
 Dos sonhos de minha alma desditosa,
 E as contas do rosário adormi quebrado
 Catirões como folhas de uma rosa.

Debalde em as procuro lacrymosa
 Estas doces reliquias do passado,
 Para guardal-as na urna perfumosa,
 No meu seio no cope immaculado.

Ai! se eu não menos ainda as' pudessem
 D'estas contas achar que me fizessem
 Lembrar um mundo de alegrias doudas...

Feliz seria ... Mas minha alma attenta
 Em vós procura uma continha benta:
 Quando partisti em' as brasté Todas!

Doloras...

Já vão caminho de cemitério
 Meus louros sonhos em visões negras;
 E vão-se todos no Arbol sideres
 Como uma nuvem de tintineiras.

A noite de hontem fezi chorando
 Todo o passado de meus amores,
 E o dia ainda me achou repando
 No immenso terço de meus dores.

Vejo na vida longo deserto
 Sem doce oasis de salvação;
 Deito em minh' alma douda, chorosa,
 De pobre moçoza tuberculosa
 Cheio de medo, tremulo, incerto,
 Bate com força meu coração.

Amalora

E assim morrendo, coitada, aos poucos,
Convulsa e fria, louca de espanto,
Sotto suspiros, soluços rancos,
Olhando as cruzes do Campo santo.

Porque me lembro que muito breve
Leva-me a elle tanta dor physica..
E dentro em pouco, branco de neve,
Verão a esquiça da pobre typica.

Cantando...

(em meu irmão H. Casticiano.)

Quão mimosa estrella

No Céu hontem vi,

Sue minha 'alma ao vel-a

Pensei logo em ti.

Pensei em ti, santo!

Verdo-a assim brilhante...

Parecia o encanto

De teu doce olhar.

De teu olhar puro,

Que celesse amor!

Onde o meu futuro

Vai briando a flor.

Vai voando a tã
 Sem querer pousar,
 Qual penna que voa
 Suspensa no Ar.

Suspensa voando
 Como um Cherubim
 Que passa cantando
 Pelo Arul sem fim.

Pelo Arul se recorta
 Quem deseja amar
 Qual nuvem ou onda
 No Céu ou no Mar.

No Céu ~~se~~ anoitece
 Ninguém vê o Sol.
 Mas que importa? A noite

É um rouxinol.

Rouxinol que chora
 Mas sempre a cantar:
 Quando nasce a aurora
 Também canta o luar.

Também canta amores
 Um'alma sem luz...
 (Nunca viste flores
 Aos pés de uma Cruz?)

Aos pés de Maria
 Como é bom rezar!
 Que esta ambrosia
 Se espalha no Altar!

Se espalha no lábio

Sem gosto de fel
 O doce resabio
 De um favo de mel.

De um favo tão doce
 Como o teu olhar,
 Pois n'elle encarnou-se
 Mimososa a brilhar...

Mimososa e tão clara
 A estrella que eu vi!
 A luz que me aclara
 Quando penso em ti.

Sobre flôr!

Meu-m'a um dia uma antiga companheira
 No meu tempo feliz de adolescente,
 E os meus lábios roçarão docemente
 Pelas folhas da nivea feiticeira.

Como se afaga uma illusão primeira,
 Um sonho estremecido e resplendente,
 Eu beijei-lhe a corolla resacudante
 Torda mais do que a flôr da laranja.

Como eu amava-lhe o sedoso brilha!
 Vinha-lhe quasi essa affeição sagrada
 Da joven mãe ao seu primeiro filho.

Dei-lhe no seio uma pousada franca.
 Mas, ai! depressa ella murchou, cortada!
 Dão e misera flôr cheirosa e branca!

Um sonho.

Cundo era calmo ... junto, ao pé do altar
Meu coração rezava docemente ...

É um céu branco triste a solugar
Dizia a flor n'um murmuro dolente:

Vê minha irmã, aqui na solidão
Dorme Jesus, sosinho, abandonado ...
Não sente palpitar um coração
Euc lhe traga um sorriso abençoado.

Ele diz: vinde a mim ~~os~~ ^{os} que chorais
E o vosso pranto mudarei em flores,
Eu quero recolher os ~~vossos~~ ^{vossos} ais
No coque onde desfangão minhas dores.

Falla Jesus e o mundo não responde ...

O homem ri-se nos salões ruidosos,
 E aqui dorida nossa voz esconde
 A magua funda dos que vão chorosos. »

Calou-se o cirio e a rosa entristecida
 Entrecabindo o calice perfumado
 Murmurou n'uma prece indefinida
 De mãe que pede pelo filho amado:

„ Eucro o men leito aqui perto do Saccario
 Minha tumba nos braços d'essa Cruz;
 E' tão doce subir para o Calvario
 Beijando a terra onde pison Jesus!

E depois?... Quando a luz te consumir
 Cahirão minhas folhas ressequidas,
 Outros cirios e rosas hão de vir
 Redizer nossas queixas doloridas. »

Assim fallou a roca e desfolhada
 Eombou chorando sobre a pedra fria;
 Na pobre vela reduzida ao nada
 Lagrimas apenas no altar se via.

Eu acordei... Uma tristeza infinda
 Sombrou do sonho a imaginaria dor,
 E do meu leito eu esautara ainda
 Gemoes e suspiros e soluços a flor.

1893.

Meu Pai.

Desce meu pai, a noite baixou mansa,
 Nem uma nuvem se vê mais no Céo,
 Arrebanha-se aqui no peito meu
 Onde chorando a negra dor descansa.

Quando morreste eu era bem criança,
 Balbuciava sem o nome teu,
 Mas d' este rosto santo que morren
 Já não conserve a mínima lembrança.

A noite é clara... e eu aqui sentada
 Tento medo da Lua embalsamada
 Vara-me o frio a alma comovida.

Se lá no Céo também se pode assir
 D' vem sentas-te aqui perto de mim
 Tua bengala, meu pai, me dará vida!

Barro Vermelho, 14 de Março de 1911

Boa Noite.

Na quantos dias não re-
cebi a sua carta! Estive um
momento cheio de caridade, per-
doei-me ainda esta falta.

Como passa de tarde com
os seus? Eu vou passando regular-
mente, de uma cite das suas cá.

Depois que você escreveu-me sobre
seus dias bastante aborrecidos.

Quando vem por aqui? Estou
pensando que não mereço esta

honra. Antehontem estive na
beira, em casa do Dr. Chaves,
de passar o Batallão, pensei
muito em você, mas não
foi possível ir vel-a.

Adieu. Tecto as
meus serviços - the lembrança
e ao Sr. Mascarenhas a q
você me recomendará.

Sei muito saudade
e um beijo da sua

P.S. Este sorrito é para o "Bo
de Setembro." Adieu! Adieu!

A ti...

Imagem santa que entrevejo em sonho

Sempre, sempre a cantar.

Creatura innocente, anjo risinho,

Sue me ensinaste a amar;

Meu doce amor! Calhandra marivosa

Sue canta dentro em mim...

Minha esperança tímida e formosa,

Meu sonho de marfim!

Amarantho do Céo, flor encantada,

Mimosa colibri;

Minha asneira pallida e magoada,

Meu nico logary...

Gotta de orvalho a tremular no um lyrio

Eue inda começa a abrir...

O' tu que apagas meu cruel martyrio
E que me fazes rir;

Madresilva entreaberta, lyra de ouro,
Celeste beija-flor;

Minha camelia, meu sorriso louro,
Amor de meu amor;

Guarda estes cantos que só dizem magna
E tristezas sem fim...

Veja-se se sei como a gotta d'agua
Se calha de um jasmim.

Recuerdo

(4 Chiquinha Pintada)

Findava o mez de Maio envolto em fúas
 O doce mez das graças formosas...
 Saía com elle as encantadas musas
 Nos perfumes, dos sonhos e das rosas.

Era muito a tardinha, as ^{aves manias} sol poente
~~Voavam todas com formosas pares~~
~~Em becos de ouro adormecia além...~~
~~Como se fossem virgins e crianças~~
~~Os passaros tinhamas docemente,~~
~~Que andassem rindo e brincando, os ares?~~
~~Passava a brisa a chilrear também.~~

Eu murmurava ao ver assim quando
 Aquellas aves para os brandos ninhos;
 "Ah! quem me dera eu' andar cantando
 Sempre criança como os passarinhos!",

Fim

~~E engrando estava n'um lido encanto~~

A contemplar a route que descia,
 Enquanto preso de um delirio santo
 Todo o meu ser chorava e estremeia;

Vi que chegavas para mim, criança,
 Vendo nos olhos um lampejo doce,
 E me dizias n'uma voz tão mansa
 Como se o echo de um suspiro fosse:

"Em que tu pensas, meu amor do Céu!
 Que magua funda no teu seio existe?
 O mundo inteiro vendo o pesar teu
 Se envolve em sombra e vai ficando triste."

Em que tu seismas? Vês? Até as flores
 Pedem ao Céu que lhes conceda o orvalho
 Para sentir as tuas grandes dores
 E vão chorando a tremular no galho.

Não penses na tristeza... As tardes bellas
 Levão no seio todos os abrothos...

Ergue a cabeça e deixa que as estrellas
 Venhão brilhar na fronte de teus olhos.

O que vale na vida um sonho amado!
 O que vale na terra uma illusão!
 Sonha querida, e que este sonho alado
 Erga nas azas o teu coração...

E te entaste. Ao longe se extinguia
 No Sol poente o denadeiro raio.
 Meu Deus! como era triste esta agonia,
 O ultimo adeus do desolado Maio!

E eu vi descer pelo teu rosto ardente
 Conculso o choro em copiosas fio...
 E tive pena d'este olhar dolente

Banhado em pranto a tristar de frio...

Syrio Celeste! O pranto de tu' alma
Foi para mim um raio de Esperança.
De minhas maguas na tristeza calma
Elle semelha um arco de alliança.

Deixa caber o teu olhar bendito
Sobre minha alma como um pallio aberto...
Que importa a Dor? Meu coração afflito
É nos teus olhos um futuro certo.

E quando um dia eu me ausentar da terra
Devo-te junto a mim triste a chorar...
A agonia da Morte não me aterra
Se eu vir o Céu na luz de teu olhar,

Minha mãe.

Quantos annos já fazem que morreste,
 O' minha santa mãe estermecida!
 A derradeira e sepulchral guarida
 Quantos annos já fazem que decesses!

Bem cede quiz roubar-te a nosso affecto
 A mão tremente da impiedosa sorte,
 Se entanto eu não creio em tua morte
 Anjo celeste, meu amor dilecto!

As vezes qual um 'asa negra, ociosa,
 Foge de mim a sombra da Amargura...
 Mas os meus sonhos de prazer ethereo...

Já não tendo em teu seio um doce abrigo,
 Vão feneceo ao pé de teu jazigo
 Na fria solidão de um cemiterio!

Flôres.

(A Leopoldina e Rosa de V. Monteiro)

Quando começa a raiar
 O dia cheio de amor,
 Eu gosto de contemplar
 O coração de uma flor

Desmaiada e tremulante,
 Sinderado triste do galho
 Sendo o pistillo brilhante
 Embalsamado de orvalho:

A rosa só me parece
 Assim tão casta e sem viço,
 Um anjo apiedado prece,
 Um' alma voando ao Céu.

No jasmim puro e mimoso
 A corolla embranquecida
 É como o seio formoso
 De uma criança adormida.

Eu levei innumeras horas
 A contemplar estas flores,
 As violetas, auroas,
 Saudades, lindos amores.

Pois como as florinhas bellas
 Eu se equilibram docemente,
 Assim pura como ellas
 Vive minha alma contente

Extincto.

Não me perguntes se te amei nem quanto
 effeus pobres olhos hão por ti chorado...
 Ah! não queiras saber se foste amado
 Entre sorrisos, se da dor no pranto.

Não queiras não. Eu te adorava tanto,
 Sue o meu amor em tempo já passado
 Maior era que o mundo e tão sagrado
 Como as ondas do Mar sereno e santo.

Hoje não te amo mais. Suero desfeito
 Vede um passado que me trouxe ao peito
 Dores eternas, lagrimas sem fim...

Quanto chorei por ti! cho vezes penso
 Sue além do Aral talvez o Céu imenso
 Com noites sem luar não chore assim!.

— Ao meu bom anjo.

Dizem que a vida não é mais que um sonho,

Meu Deus, quero sonhar!

Empresta-me, anjo bom, as tuas asas,

Guarda no seio a minha fronte em brasa,

Ensina-me a voar!

Vamos... vamos... assim... fuge comigo!

Procuramos além um doce abrigo

Na patria dos archanjos...

A vida é sonho e como um sonho passa:

Pois bem! vamos viver no Céu da graça

Meu Deus, como sou anjo!

Vamos fugir do mundo tenebroso

Sabyrintho de dóes...

Mensageiro divino vem comigo,

Quero sonhar, viver, rezar contigo
 No Eden só ha flores!

Minha 'alma - casta róla abandonada -
 Desfallece esvair-se pela estrada
 Não pode mais voar ...

Empresta-lhe, anjo bom, as tuas asas:
 Sinto estalar-me o coração em brasa
 Cansado de chorar.

Assim voador pelo espaço em fôrça
 E vendo-a meu lado a toda a hora,
 Quero - fugindo d'este mundo agreste
 Unida ao céu teu,
 Embalada por ti, anjo celeste, -
 Buscar meu ninho pelo azul do céu!

Nunca mais.

..... Il n'est plus dans mon cœur
 Une fibre qui m'ait résonné sa Douleur.
 Jamais - Harmonies.

Ela é feita de meu sonho, um sonho puro,
 Feita de rosa e feita de alabastro,
 Chimera que brilhava como um astro
 Pela route sem fim do meu futuro!

Ela é feita de meu sonho, e sopra abeto
 Ela recebia as perlas de meu pranto;
 Gotas de orvalho, folhas de amarantho,
 Perdidas na eridão do meu deserto!!

Elle passent como uma nuvem passa
 Rozando o Azul em flôr do firmamento...
 Eudo se foi e apenas o tormento
 Sobre minh'alma triste inda se trava.

Meu casto sonho! Já se foi cantando
 Galves em busca de uma patria nova...
 Deixou-me o coração como uma cora
 E dentro d'elle o meu amor chorando

Nunca mais voltará O que lhe importa
 Esta morada lugubre e sombria?!
 Não pode agasalhar uma alegria
 Minh'alma, pobre morta!

Estrada a fora...

Ella passou por mim toda de preto
 Pela mão conduzindo uma criança...
 E eu enidei ver ~~alla~~ uma esperança
 E uma saudade em pallido suetto.

Pois quando a perda de um sagrado affecto
 De lastimar esta mulher não cança,
 Vem a alegria desconfiada e mansa
 Passa a criança, o beija flôr inquieto.

Tambem na vida, o gozo e a desventura,
 Caminham sempre unidos, d mãos dadas,
 E o beijo as vezes leva a sepultura...

No Coração, um horto de martyrios!
 Brotão um fim as illucões douradas,
 Como nas campos desabrochão lyrios.

Pelo passado.

(D. M. Tanceta & Santo)

Era um dia de Maio... Encheu-se o Templo

De grande multidão:

Mas só rezavam aquelles que queriam

A paz do coração.

Eu era d'um numero; ajoelhei-me,

Fiz o signal da Cruz...

Estava muito triste e desejava

Conversar com Jesus.

Até pe de um santo Cabanaento

Comencei a chorar...

Lembrava-me da infancia que fugira

Para nunca voltar.

E repaeu na mente atribulada,

Assim n'essa attitudo,
Os sonhos lyricos e perfumosos
De minha juventude.

Porim se o triste labio murmurava
Sentidas orações,
Eu ouvia o soluço angustiado
De minhas illusões.

De minhas illusões que se partiam,
Volantes e chorosas,
Como os anjos voando d'este mundo
As plagas luminosas.

E enquanto assim aos pés do Redemptor
Chorava meus lamentos...
Já no Templo de todo se extinguia
A luz dos cirios lentos.

Versos ligeiros

(A' uma moça)

Eu acho tão feiticeira
 A Lourencinha da esquina
 Com o seu recato de freira
 Muito morena e franzina;

Sua fies toda encantada
 Quando na Igreja a contemplo,
 Pois cuido ver uma fada
 Ajoelhada no Cemplo.

Doce murem cõr de rosa
 Lance que a Deus se eleva,
 D'aquella bocca mimosa,
 D'aquelle olhar cõr de treva.

É uma ~~prece~~ que vãs,

Indefinida e tão mansa,
 Como um hymno que resôa,
 Como uma voz de euanga.

A trança de seu cabelo,
 (Como ella é negra, Jesus!)
 Semelha um lindo novello
 Cão fute que já reluz.

Com a boquinha vermelha
 Como uma rosa entrecabrindo ...
 (É um favo de mel de abelha
 Aquella bocca sorrindo.)

É a mim o que mais encanta
 É o eco de sua voz:
 Parece ter na garganta
 Um bando de rouquinhos.

Minha alma nunca se cansa
 De vê-la assim tão divina,
 Sempre formosa e creança
 Com o seu perfil de menina.

As vezes eu olho-a tanto,
 Com tanta veneração,
 Sue fico muda de repente
 Depois da contemplação.

É verdade que não faz
 Mal nenhum se a fito assim...
 Mas, Deus! se eu fosse rapaz
 O que dirião de mim?!...

Bemditã.

Bemditã sejas, minha Mãe, bemditã
Seja o teu virgimaculado e santo
Onde derrama as gotas de seu pranto
Sua dolorido coração afflicto.

O' minha Mãe, ó anjo sacrosanto,
Bemditã seja o teu amor, bemditã!
Ouve do Céo o amargurado grito
Cheio de dor de quem soluça tanto.

É deusa que repousa em teus joelhos
A minha fronte encostando os teus conselhos
Longe do mundo, é sempiterna dita!

Envia lá do Céo ao teu sorriso
A morte que levou-te ao Paraíso...
Bemditã sejas, minha Mãe, bemditã!

88
Poemetto.

Dadá tinha um filhinho muito louro,
Tão louro como um raio de luar ...
Aquella creancinha era o thezouro
O encanto abençoado de seu lar.

Dadá amava-o tanto que no mundo
Su'alma em coisa alguma achava brilho,
Tudo alterava-lhe ^{aquelle} o amor profundo:
So' via o berço onde ^{dormia} o filho.

Quanto cuidado e que affeição tão santa!
A arca onde ^{hunculo} de dia elle corria
Se ella podesse, (oh! se não fosse tanta!)
Morreria dentro do nio a guardaria.

Desejava que a Terra fosse um ninho

Habitado por ella e os seus amores,
 Dueria ainda que o formoso anjinho
 Só visse o Céu e só pisasse em flores.

Pois se elle era o sorriso de seus olhos
 Desde que o esposo para Além se fôra!
 Se era a luz que surgia entre os abrochos
 De su'alma tristonha e soffredora!...

Sorindo a mãe dizia olhando a terra
 E o casto ~~recanto~~ manto azul de lá de Céu:
 «Sois muito lindos, mas nenhuma encerra
 Coisa mais linda do que o filho meu...»

E tinha bem razão... O seu Saurinho
 «Aquella creatura tão franzina!»
 Guardava lyrios brancos no rostinho
 E uma rosa na bocca pequerrinha.

Não consentia que elle um só minuto
Do regaço materno se afastasse...
— Era um contraste o seu pesado luto
A'alvina virginal d'aquella face! —

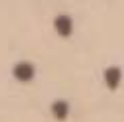
E se, às vezes, a garrula avança
Disparava a correr jardim a fora,
Dáda pensava que sua esperança
Sa fugindo ou que morria a aurora...

Então ~~chorava~~^{seismava} cheia de recuo
Como se o seu filhinho mais não visse;
E, se o alcançava, comprimia-o ao seio
Cernerosa que ainda lhe fugisse.

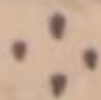
Se elle morresse o que seria d'ella:
Dáda cuidava às vezes tristemente. —

Se essa criança era como uma estrela
~~Se elle em p'ra sua alma como a estrela~~
 Que guiava os reis Magos no Oriente?

Ficaria sosinha, pobre mãe!
 Chorando o seu anjinho estremecido?
 Oh! não! mil vezes não! Ella tambem
 Iria atraz do filho tão querido.



E entre esperanças e temores francos
 Lauro crescia cada vez mais lindo;
 Quando ^{fallava} sorria os seus dentinhos brancos
 Lembrava a gente um boqui abrindo.



Um dia ao acordar Lauro queiaou-se
 De que o corpinho todo lhe doia ...
 A mãe cercou-o de um carinho doce,

Que seu filhinho de que soffreria?

E elle chorava que fazia pena
 N'aquella alegre e limpida manhã
 Pallida a face como uma assucena
 E o roço labio a murmurar: mamã!

Dada beijava aquella mão querida,
 Os pés e o rosto e todo o ^{peito e} corpo e a bocca
 Queria ver se lhe inculcava a vida
 N'aquelles beijos que lhe dava, louca!

O triste pobrecinho soluçava
 Entre as caricias do materno affago,
 E em seus olhos a morte esvoaçava
 Como uma pomba a terra azul de um lago.

E antes do Sol pender para o horizonte

O Cherubim cessava de existir ...
 E alguém ainda lhe oulvara a fronte:
 Era Wádá a solucar a vid.

Estava louca. N' ora em diante a vida
 Sue lhe traria ao ninho ~~seu~~ ^{seu} deserto?
 Sauro monera... branca flôr pendida
 Combata murcha n' um esquipa aberto!

Elle bem vira quando carregaram
 O meigo archanjo dentro de um saião...
 Minas crucis! No seio th'o anancaram
 E com elle tambem seu coração.

∴

Ha muitos annos que isto succedeu
 E, entretanto, o que da morte a salva,
 E' que Wádá quando contempla o Céo
 Diz que seu filho está na estrella d'elva.

Jesús.

(~~P. Emilia Maria Alves Guerra~~)

Eu vos adoro, ó Salvador bendito,
Expirando no cimo do Calvario
Sobre a Cruz, negro leito mortuario
Sue vos dera um povo ruim, maldito!

Parece que vos vejo soluçando
Lutando com as dores da agonia,
Ao passo que no auge da alegria
Gatilava aquella turba delirante:

« És filho de Deus? desce e nós cremos,
Salva-te: se assim, abraçaremos
essa estranha doutrina que pregaste »

Ouzo então que exclamais amargurado
Nos braços d' esta Cruz, throno sagrado
« Meu Pai, meu Pai, porque me abandonaste! »

A' ...

Eu fizeste de meu peito,
O' meu anjo, o' meu amor!
Um ninho vuoto e deserto,
Um santuario de dor.

Desfolhaste a santa criança
Que eu tinha no coração
Envolvete em treva imensa
A minha doce illusão.

Meu peito e' hoje deserto
Qual uma cella de monge,
Vivendo de ti tão perto
Sancoa que está bem longe.

E tu deixaste isolado

Meu rio mui de esperanças,
 Como um rio abandonado,
 Uma casa sem creanças.

Por isso quero ir
 Além, muito além, além...
 P'ra ver se acho um lugar
 Onde não veja ninguém

Calvez então eu chorasse
 Vivendo longe de ti,
 Mas que tinha se encontrasse
 A paz que fugiu-me aqui?

Vou sepultar dentro d'alma
 A historia do meu amor;
 Quero só viver em calma
 Embalsando minha dor.

Mais vale um peito magado,
Chorando soffrer a dor,
Que ver o mihi adorado
Passar rombando de nós.

A memoria de uma ave.

Quando morre uma criança
 Se diz que o pallido anginho,
 Voou como uma esperança,
 Foi para o Céu directinho.

Mas nossa mente se cansa
 A voar de ninho em ninho
 Interrogando a lembrança
 Quando morre um passarinho.

Só eu se alguém diz que a vida
 De uma avessinha querida
 Se extingue como um clarão:

Ponho-me a ris pois, divina,
 Pouco contas em surdina
 Tu' alma em meu coração.

Na Judéa

(Imitando a Transfiguração de J. Cristo.)

Vinha Jesus no ether o azul doce das mares
E no cabello leu o raio estrellado.

No seu sorriso em flor alguma coisa havia
Dos beijos virginaes dos labios de Maria.

Seu passo era tão leve e sua voz tão mansa
Como deve ser leve um sonho de creança.

Elle vinha do Céo dizer ao mundo inteiro:
"Eu sou filho de Deus, Messias verdadeiro."

O povo soluçava ouvindo a voz dolente
Do pallido Jesus, tão doce e paciente!

E Maria tambem, lembrando a prophesia
Do velho Semeão, da espada da agonia;

Soluçava de dor fitando os olhos castos
No rosto de seu filho, em seus cabellosastos.

Mas Jesus a sorrir fallava a turba immensa,
Silenciosa a escutar de sua voz suspensa;

E a palavra de luz em seus labios descia,
Como o pranto de dor nos olhos de Maria.

Visita a um túmulo

(A minha boa tia M.^a Concordia de Souza.)
(1893)

Quando fui ver o pallido jazigo
Onde dormem os restos de meus pais,
O dia começava a entristecer-se,
Ja marchavão as flores divinalles...
E a brisa que soprava leve e fria
Annunciava a morte que desceia.

Senti apoderar-se de minha alma
Uma magua profunda e dolorosa,
Havia alguma coisa de solenne
N'aquella atmosphera vaporosa...
E eu senti que a vida me fugia
Na luz ethereal que além morria.

Quando cheguei ao pé da Igreja entrei

Pela porta que então mostrou-me abrigo,
 O Sol embalado em leito de ouro
 Parecia chorar também comigo ...
 E descia e descia p'ra o Poente
 Olhando as tristes brumas do Oriente.

Apilhei-me então perto da lousa,
 N'ella fouci os labios convulsivos ...
 Ai! a doce piez d'aquella campaa
 Em mim achava echos expressivos ...
 Era tão fria em sua santa calma
 Seu me gelou todas as fibras d'alma.

E rezei pelas duas vidas justas
 Que alli dormião o somno devaduro:
 Minha mãe! um'alma crystallina!
 Meu pai! um astro que passou ligno!
 E chorei porque veio-me a lembrança

Doos beijos que me durão em creanga.

Ah! se eu pudesse reaver ainda
 No seio maternal a minha fronte
 E rever através de uns olhos ternos
 A aurora de um nêfito horizonte ...
 Eu seria feliz como em pequena
 Quando esta vida me sorria amena.

Com os olhos molhados da saudade
 Sue me partia o coração de dor,
 Foi que deixei o denadeiro nêfito
 De quem na vida só me teve amor.
 Lá no Céu já sonião peregrinas
 As primeiras estrellas vespertinas.

E puz-me a caminhar entristecida,
 Enquanto as auras n'um choro afflicto,

Vinhão de longe, das cerúleas plagas,
Na solidão immensa do Infinito
Trayer-me — como os astros solitários! —
A saudade dos mortos que choravam.

Ao Mar.

Honde a tarde ao pé de ti sentada
 Eu puz-me a contemplar-te, ó mar bravo!
 Pensava que acolhida em tuas ondas
 Talvez minha alma não tivesse frio!

Contei-te uma por uma as cruas dores
 De minha vida toda de saudade,
 Eui afogar as minhas magoas furdas
 No leito azul de tua immensidade.

Como seria bom morrer ahí,
 Moça, innocente, tendo n'alma um flor,
 Um mundo virgem de sagradas eunças
 Todo banhado no ideal do Amor!

Me darias então a sepultura

N'estas espumas, murmurosas, bellas,
 E a route, se mirando em tuas aguas,
 Me cobriria o Céu de mil estrellas.

At' pe' de ti, como um soluço brando,
 Sinto fugir-me, pouco a pouco, a vida...
 Chorai vagas, por mim! dobrai finados
 Bem como os sinos de risonha umida!

No mausoléu angusto do Oceano
 De outros dobras minha alma não precisa;
 Por supplica mortuaria só desejo
 O soluço do vento que desliza.

At' menos, eu ahí esqueceria
 A atroz desillusão que me devorou,
 E um instante seria satisfeita
 Como uma flor ao desfontar d'aurea.

Dezembro - 1893

Quadrões

Anchanço! este choro teu
 Faz reviver meu amor
 Como o sereno do Céu
 Cahindo sobre uma flor.

É como a flor destinada
 A não viver nem um dia,
 Beondiz a gotta nevada
 Que, lá do Céu, Deus envia...

Eu presa do mesmo encanto
 D'esta tristeza na calma,
 Vambem abençoô e pranto
 Que vem do Céu de tu'alma.

Maguas.

No teu olhar cheio da luz chorosa
 Que envolve o Espaço quando a tarde expira,
 Boia uma doce magua lacrymosa,
 Uma saudade indefinida gysa...

Eu sei dera que eu souberes, flor do Céu!
 Porque a tristeza nos teus olhos geme...
 Mas... não sabes dizer onde nasceu
 A gotta branca que em teu cílio trema?

Embora affirmes que não tem começo
 A dor sem fim que no teu seio existe,
 Eu sei, assim, eu muito bem conheço,
 Fazeres crêr que já nasceste triste.

E fallas a sorrir: « Essa dolente

Existe a amarga que me empana o olhar,
 É como a onda que chora eternamente
 E jamais pode se afastar do Mar....”

Mas, se então fito-te a carminosa bocca
 E vejo rubro um labio que sorri,
 Logo me vem uma incerteza louca
 A mente e ao coração, se és tu quem ri,

Pois é tão mansa a chama d'estes olhos
 Envolto na carícia do sorriso,
 E eu sou penso que teus cilios são abrolhos,
 Abrolhos rodeando um paraíso.

Hoje

Fiz annos hoje... quero ver agora
 Se este soffrer que me atormenta tanto,
 Me não deica lembrar, a paz, o encanto,
 A doce luz de meu viver de out' ora.

Sei moço, ainda eu não conheço a aurora,
 Foge-me a vida no correr do pranto...
 E, como a nota que despede um canto
 Perdida evaa-se pelo Espaço em fôra...

Vão minha alma as plagas do Passado
 Com busca ainda d'esse ninho amado
 Onde risonha descansou em medo...

Mas, qual! A sorte caprichosa, esguia,
 Mata-me sempre no fatal dequeto...
 Minha ventura só durou um dia!

Meu coração.

Meu coração é como a noite escura
 Cercada só de dores adormidas,
 É como um negro tumulto vasto
 Onde repousam esperanças idas.

Meu coração é como a folha murcha
 Que o vento frio desligou da flor,
 É como um ave que se vê sozinha,
 Sem lar, sem pão, sem vida e sem amor.

Meu coração é como a nota triste
 Que se evola dos sinos magoados,
 Quando da Igreja nas suaves torres
 A gemer, a gemer, dobrão finados.

Meu coração é como a nuvem negra

Eu sobre a terra nas manhãs geladas,
É uma pallida andorinha morta
N'um leito frio de illusões passadas

1893

A volta do sertão

É tempo de voltar. O inverno finda
 E as arcebas se mudando estão ...
 É preciso deixar a terra linda,
 As singellas casinhas do sertão.

É forçoso partir, embora ainda
 Sinta estalar de dor o coração,
 E a alma cheia de saudade infinda
 Sozinha chore em triste solidão.

Tamou meu peito não soluço tanto ...
 Oculta bem o teu sentido pranto,
 Não tenhas pena de quem fica aqui.

Olha, amanhã, quando inda fores perto,
 Alguém contente sorrirá de certo
 E nem sequer se lembrará de ti!
 Junho de 93.

No alburn de Dolores.

Escuta-me bem, Dolores,
 Não queiras meu nome aqui:
 Elle não é colibri
 Para viver entre flores.

Tu' alma, irmã de Jesus,
 Como consente ficar
 Sobre a mesa de um altar
 Um pobre cirio sem luz?

Mes triste nome choro
 Em uma outra habitação:
 Guarda-o no teu coração,
 Lyrio celeste e formoso!

Rasga esta folha, Dolores,

Não deixes meu nome ali;

Elle não é colibri

Para viver entre flores.

Força do destino

Minh'alma treme como a mariposa

E se atira na chamma, alucinada...

Em cada vez que o meu olhar se fursa

Nos olhos tuos, é ventura amada!

E em vez da sombra onde o olhar repousa

Buscar, fugindo ao fogo que devora,

Minh'alma louca como a mariposa

Se atira mais na chamma que a amadora!

Melancolia...

Sinto no peito o coração bater
 Com tanta força que me causa medo;
 Será a Morte, meu Deus? Mas é tão cedo
 Deixai-me inda viver.

Cedo corri por este campo em flor,
 - O Amor e a Luz vão pelo céu voando -
 Só eu vagueio a suspirar chorando
 Sem Luz e sem Amor.

Lutando sempre com uma dor cruel,
 Cheia de tédio e desespero as vezes,
 Minha alma faz trago até as fezes
 O calice da fel.

É o coração no seio a palpitando

Numa agonia de quem não tem crença
 Pulsa com a força indefinida, immanente,

Nos vagalhões do mar.

Delos pobresinhos.

(1893)

O' mãos celestias, puras, formosas,
 Tombas sem fel, virgineos corações!
 Ouvi o grito forte e soluçante
 Sue dos solainos azues, qual astro errante,
 Ven despertar divinas commoções.

E' o extremo soluço de Maria,
 O grito agudo de Jesus pequeno,
 Elles implorão a compaixão dos crentes
 Para estes pobres, pequeninos entes,
 Para as crianças de sorrir ameno.

Abri o peito aos puros sentimentos,
 Abnas de luz, e' evatnas mancas,
 Beijai as ternas fontes cõr de rosa
 E enxugai a lagrima perfumosa.

Sue pela face rola das meangas.

Ouvi, ô Mãe, o choro angustiado
 Na creancinha que vos vem pedir,
 Em nome do filhinho, casto, amado,
 O louro anjinho, branco, immaculado,
 Sue em vossos seios se agasalha a vir.

E vós, ó virgens, que aprendestes meigas,
 Os bons e doçes pensamentos saís;
 Não recuseis a vossa comilha pura
 A pequenina e santa creatura
 Sue vos estende as descomodadas mãos.

E vós também, ó loiras creancinhas,
 Vós que sonhais as illusões sem fim.
 Vós que do mundo a dor não conheceis
 E que sorrindo ainda adormeceis

Com lindos berços, todos de setim :
Pedi, pedi, por vossas imancinhas
As pobres innocentes creancinhas.

A noiva.

Ella chegou da Igreja. Vagarosa
Vai ao braço do noivo conversando ...

Grave, sôa a orchestra acompanhando
Uma dança febril e languorosa.

E o noivo passa assim, casto e nervoso,
A cabecinha pallida inclinando ...

Da capella uma flor vem revolando
Pela macia fronte perfumosa.

Sua tiral-a, e, levando a mão ao rosto,
Senta-se presa de infantil desgosto
E fita sua mãe cheia de amor.

Ah! fôra ella que, tremula, divina,
Beijando-lhe a mãozinha alabastina
A grinalda lhe atara aquella flor.

Janeiro de 1884.

No cemitério.

Não despertéis aquelles que aqui dormem
 A sombra do cypriste solitário;
 Respeitai a madre dos que se foram
 E descançam no leito mortuario.

Não deveis rir aonde os mortos choram
 E as campas são cobertas de saudade.
 Nem deveis olhar com indifferença
 As pallidas grinaldas da amizade.

Aqui, repousa a virgem descuidosa
 Que morreu na vigilia do noivado;
 Bem perto dorme a loira creancinha
 O somno derradeiro e immaculado.

Aqui, descança a mãe estremecida

E o filho sobre a campa se debruça ...
 A dous passos, no tumulto do sepulchro,
 Reza a pobre viúva que soluga.

E os finados recutam os gemidos
 Nos entes que adorarão sobre a terra,
 Elles sabem agonia de um suspiro
 A dor profunda que uma magna encerra.

Choremos, sim... choremos... vestas loucas
 Escondam rectos de quem soube amar.
 De joelhos oremos sobre os tumulos
 Como se reza junto de um altar.

2 - 11 - 93.

* * *

Vem explicar-me uma coisa,
 Criança doce e formosa,
 Porque occultas ao v. me
 A tua face mimosa?

E, se te olho porque mudas
 A vista depressa assim?
 Não te fito com maldade
 Anjo, não coisas de mim.

Acaso te aborreci
 Quero me digas em que,
 E se não, criança louca,
 Porque me foges, porque?

Eu que não tenho os meios,

Que desafias os cius,
 Será possível que temas
 Fitas tens olhos nos meus?

Porque me odeias criança,
 Porque me foges, porque?
 Acaso te aborreci?
 Dize-me, dize-me em que.

Dezembro de 94.

Reminiscencia.

Restea de sol do meu amor desfeito
 Vem aclarar o meu viver sombrio;
 Meu coração, um 'ave que tem frio,
 Pede chorando o ninho de teu peito.

O pobrezinho triste e contrafeito
 Voga do pranto no nevado rio....
 De suas illusões o roco fio
 Achou partido, em estilhaços feito.

Como elle teme sem achar abrigo!
 A luz procura d'este olhar amigo,
 Aquece o triste contra o seio teu...

Mas não! Sombria-me: o teu amor é morto!
 Não quero mais que tu me dês conforto...
 - Eu tenho medo de quem já morreu....

O coração e o beijo.

Meu coração chorava e eu lhe dizia:

- Porque choras assim como criança?

E o triste a soluçar me respondia:

Ninguém pode viver sem Esperança.

- Resta-te a Fé - e a Fé? Mas o que é d'ella

Sem da Esperança as illuções serenas?

Um Céu a monte sem nenhuma estrella,

Um 'alma em flôr sem um sorriso apenas...

- Mas tens a Caridade - A Caridade?

Ah! sim! o vinho que embriaga a dor.

Mas eu não amo... Pois não é verdade

Que a Caridade é o que se chama amor? -

N'isto passava uma criança linda,

Botão de lyrio, immaculado e santo...
 Seu coração que soluçava ainda
 Sorriu ao ver o gracioso encanto.

E foi beijar - lhe os pequeninos lábios,
 - Pet'los de rosa abrindo de manhã -
 Onde adjejavão, cerulos recabios
 Dos beijos de uma mãe ou de uma irmã.

.....
 Compreendem então o desolado,
 A linguagem sublime de um harpye:
 A este mundo de dores povoado
 A Caridade pode estar n'um beijo.

A monja.

Castá e divina, immensamente pura,
 Quando ella passa tão modesta e sequiva,
 Nos traz a mente a imagem rediviva
 De alguma santa na edénica flamma.

O mundo inteiro se' nos assegura
 Que a moça fresca se sepulta viva ...
 - Será porque da vida a gloria activa
 Troca por celta pequenina e secura? -

- Não! Quando ella ora e a sabrinha bella
 Nos mostra o rosto digno de uma tela
 E de pencil angelical de Rubens....

Su' alma branca na de Deus se aminha,
 Longe da terra e da paixão mesquinha
 O coração da monja é um Ceu sem nuvem.

A trança

(A Eloira)

A linda trança dourada
 Sue eu vi Domingo a noitinha,
 Guardava a maciça amada
 Das penas de uma andorinha.

Parecia uma esperança
 Bordada com fios de ouro...
 — O' doce e mimosa trança,
 Meu raio de sol tão louro! —

Ventura, sonho, alegria,
 Tudo se resume ali...
 Para tees serviria
 O ninho de um colibri.

Era já noite e no entanto
 A loura madeixa olhando,
 Cuidai que cheio de encanto
 O dia vinha saíndo.

Meus fel-a n'uma redoma,
 De beijos, de luz, de amor;
 E deu-lhe o sagrado aroma
 Da madre-silva ainda em flor.

Ah! sobre aquelles risinhos,
 Dourados, macios folhos,
 Quem dera embalar meus sonhos,
 Quem dera cerrar meus olhos!

Página azul

No paiz de mimh' óbria ha um rio em magua,
Um rio cheio de ouro e de tanta harmonia...
Eua se cuida escutar no marulhar das aguas
Do sussuro de um beijo a doce melodia.

Este rio é o meu serinho, um serinho azul e puro,
Como um conto de fada, como um braço de Mar,
Soua restia de Sol a rebrilhar no escuro,
Esta luz que scintilla em torno de um altar.

De um altar que palpita e que soffre e que sonha,
Solletrando a contar a linguagem de amor...
No altar do coração, a paisagem risorinha
Onde nascem sorindo as illusões em flor.

Vem beber, meu amor, n'este rio que é fonte,

É fonte de Esperança e lago de Primavera ...
Vem enovar n' um paiz que não tem horizonte,
Quê não chora o Inverno e só ha Primavera.

do clarão da lua.

(A meu irmão Eloy Costantino)

O lyrio

São nascerellas, modesta e brava,

Do Céu imenso na face nua...

A lua branca todo o azul doura...

A nuvem

Ah! se eu pudesse rondar-me em lua!

O perfume

E aquella estrella tão pequenina

Sua mal a gente consegue vê-la,

Como scintilla, casta e divina!

A lua

Ah! quem me dera ser uma estrella!

A nuvem

O lyrio branco chio de ovalho
 Olhando a lua em triste pallor,
 Formoso e triste temo no galho...

A estella

Ah! quem me dera ~~ser uma flor!~~

O Céo.

Perfume doce boia nos ares ...
 Virá nas asas de um vagalume?
 Será da terra? Será dos mares?

O ovalho

Ah! quem me dera ser o perfume!

O pyrilaampe

A nuvem manca no azul reparece
 Voá depressa como a plumagem
 Solta das asas de alguma garga...

O lyrio

Ah! quem me dera ~~ser~~ como a nuvem!

O Poeta

Como instrumento suspira ao longe
 e uma sadencia melodiosa....

Será na cella piedoso monge?

A evanção (sonhando)

Ah! quem me dera ~~ser~~ uma rosa!

A noite

O sonho vive dentro em meu seio,
 Garrulo e miigo, doce e risinho,
 Chio de luz e de aurora chio...

O perfume

Ah! quem me dera ~~ser~~ como o sonho!

A madrugada

Ouvem? As aves já vem cantando.

As estrellinhas tomam seu vô ...

E' tempo de irmos também chegando.

O coração

Ah! quem me dirá subir ao céu!

Resando...

Rozos menino
 Feito de luz.
 Seryo divino,
 Santo Jesus!

Pobre innocente,
 Branco jasmim,
 Meu cravo oleulê
 Cór de marfim.

Entre as palhinhas,
 Pequeno amor:
 Das creancinhas
 Tu és a flor.

Cabello loiro,
 Olhos azues:
 És meu thezouro,
 Manos jovens!

Estrela pura,
 Santo pharol...
 Flôr de candura,
 Raio de Sol....

Dá-me a esperança
 N'um teu olhar...
 Soura seranga
 Me ensina a amar.

Sorriso formoso
 Cheio de luz,

Jesus piedoso,
 Meu bom Jesus;

Como eu te adoro,
 Pequeno assim!
 Jesus, em choro
 Vem do' de mim.

No doce encanto
 De um riso teu,
 Jesus tão santo!
 Leva-me ao Céu.

Em ti espero...
 Mostra-me a luz...
 Leva-me, eu quero
 Cair nos braços!

Agonia do Coração

a Estrellas fulgem da noite em meio
Sombrios cirros brancos a arder....

É em tempo a treva dentro do vis...

~~Delia was not there!~~ see you moved

No longe cantam. São almas puras
Cantando ~~antes~~ ^{a hora} de adormecer

Orcho triste sobe as alturas...

Mogas ! não cantem, que eu vou morrer!

A todos os nobres e beneméritos amigos

Hoje esperança de seu viver...

Que se vous souvenez par là en payez.

Lehorai, crianças! que eu vou morrer!

Passaros tremem no jardim ~~santo~~

Pedindo a graça do alvorecer...

Enquanto ~~parto~~ ^{em parto} de facto em pranto

Aves! suspirem, que eu vou morrer...

De lá do campo cheio de rosas

Vem um perfume de intontecid...

Meu Deus! que magnas fôr dolorosas...

Flores! fechaí vos, que eu vou morrer...

A' luz de teu olhar.

Toda me ligas, olha-me somente.
J. Guimarães Junior

Cheios de terra e luz teus olhos têm a côr
Das noites sem luas, riuem promettido amor!
E em amor tanto a sombra e o brilho doce e puro
Esses grandes olhos teus, s' luz de meu futuro!
Como adora minha alma os rutillos charões
Do bando virginal de suas illusões.

Não vêes? E' noite e o Céu nos mostra tanta luz
Sua olhando para cima eu oudo que Jesus
As estrellas formou de lucidos novellos
Das fôcos ideiaes do sol de seus cabellos...
E assim no teu olhar, tão negro meu jardim
Uma estrella se fez do nosso amor em fim.

Deixa brilhar a estrella, a estrella bona e mansa,

Eu não ha de quitar a patria da Esperanza.

Olha-me sempre assim... no teu olhar formoso,
 Minha mente e meu sol, e' Cherubim piedoso!
 Eu quero ver a tua, eu quero ver boia,
 Como se fosse um lago o teu mimoso olhar,
 Vendo um mundo de cores finas de sonhos e chamas,
 Lyrico desabrochando ao sol da Primavera.

Sydney

(A' Colthart M. de Albuquerque Mello.)

Feliz de quem se vai na tua idade,
 Quem vive aquelle que não está na vida.
 E não perca sequer na mão querida
 Que te contempla cheia de saudade.

Tôres adorada! se alegras quem hade
 Com a tua sorte, rosa compalhecida!
 Branca a neve, ainda em botão caída
 O que irás tu fazer na eternidade?

Tôges da terra com bucha de venturas?
 Mas, meu amor, se conseguires tet-as
 De certo não será nas sepulturas...

Fica entre nós, irmã das andorinhas,
 Meu fog de Céu, a patria das estellas
 No olhar das mães o Céu das maninhas.

~~A' Jacinta~~

O' moça trigueira

Nos olhos securos,

São lindos, tão puros,

Sua mãe fagueira!

Criança morena e branca são

Teus olhos raigados

São céos estrellados

Em noite serena!

Seus olhos incantos

No brilho fulgente,

No brilho dolente

De teus olhos santos!

E eu vivo adorando

Qu'importe le firmament

O' biltin radiao

... Eue d'aterradiao. d'aplo

... d'aterradiao. d'aplo

Com chadinas ascuradas,

Com negros e puros,

Com olhos escuros,

O' gl'ria das morenas!

... d'aterradiao. d'aplo

... d'aterradiao. d'aplo

... d'aterradiao. d'aplo

... d'aterradiao. d'aplo

11

... d'aterradiao. d'aplo

... d'aterradiao. d'aplo

... d'aterradiao. d'aplo

... d'aterradiao. d'aplo

de Canabral

.....

(segunda e terceira)

É um buca das nuvens bellas

Que meu coração a cantar...

Que comho são das estrelas,

Que deus não pode ser.

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

... e a mão de a mão

Na Capelinha.
(Embranga do collegio)

... Então na Igreja sorridente
Coberta com um fino véo...
E seu rostinho era lindo
Como o da Virgem do Céu.

Foi ajoelhar-se comhita
Ao pé do sagrado altar
E com piedade infinita
Princípios a rezar...

Um doce sorriso veio
Encher-lhe a boca ^{de} luz...
Uniu as mãos sobre o seio,
Fitou os olhos na luz...

O que dizia? Alguém pode
Adivinhar o que diz
A prece que se lábio deode
Emquanto a gente é feliz?

Aquella idade para que
Se seja ... (saberei eu?)
A gente seja porque
Cambem se seja no lió.

E ella tão enigma e tão pura
Que não conhecia o mal
Ea que guardava a ventura
No coração virginal ...

Na sua fé de criança
Ingenueza e cheia de amor,
Calor pedisse a esperança

Sara os que vivem na dór.

Calor pedisse um sorriso

Sara quem vive a chorar,

E a gloria do Paraíso

Pra quem não sabe reparar ...

É remuante o talio querido

Orava piedoso menino ...

No negro olhar commovido

O pranto rola por fim.

O delirio não calma

As lagrimas por sua tã,

Com o desconsolo de um 'alma

Sua chora a primeira vez.

Su' alma sua vida morão

A luz, a innocencia e o bem,
 Pedindo pelos que chorão
 Foi solugando também.

E comprehendendo segredo
 D'aquella santa emoção
 Eu disse baixinho, a mudo,
 Fallando a meu coração.

Bemditos nós que soffremos
 Varados por magna atroz...
 Enquanto assim padecemos
 Os anjos pedem por nós.

Caminho do sertão.

Cão longe a casa! Sem sequer alange
Vel-a atany da matta. Nos caminhos
A sombra deves e sem achad deves
Vamos nós dois, meu pobre irmão, irmãos

6' noite já. Como um feliz remanes
Honrem as aves nos pequenos ninhos
Vamos mais devagar... de mãos e mãos
Para não assustar os passarinhos.

Estrelas estrelas. Todo o céu parece
Reparar de olhos a chorosa terra
Ea jura a Cereja do descepo e a do

Do longe da Suafnem durante a Trêça
Churilho. Santo padre Deus, extenuado
O incenso a grãti da jurema na flor

O que são estrellas...
A Apacô, Lovellho
~~Apacô, Lovellho~~

Ai! quantas vezes em scismo
A noite olhando as estrellas
Como quem sonda um abysmo:
Meu Deus! o que serão ellas?

É julgo que são pequenas
Almas gentis de crianças
Voando as plagas serenas
Como um bando de esperanças.

Cagoulas ^{finas} ~~doce~~, sagradas,
Cheias de amor e de encanto,
Hostias formosas, nevadas,
Eucharistia dos santos.

Sonhos de moça partidos,

Resplendores de poetas,
 Raios de luz desprendidos
 Nas asas das borboletas...

^{Doce}
 Brancos lírios transportados
 Para uma encantada horta,
 Sorrisos tristes, magoados,
 De uns lábios de noiva morta.

Rutilos, lindos novellos
 Formados da luz arreana
 Sem auroelava os cabellos
 Cão lauros da Magdalena.

Cada estrellta, penso, encerra
 Uma alma branca de rosa
 Que os anjos levão da terra
 Para a santa mais formosa.

Vere sei o Azul brilhante
 O manto azul de Maria,
 E cada estella um diamante
 Que n'este manto irradia.

Ou talvez pennas dispersas
 De um' aza nivea de archanjo...
 Supillas em luz immensas
 Dos olhos castos de um anjo.

Saem em cirios divinos
 • No azul immenso e sem réo...
 Ninhos de ouro, pequeninos,
 Dos beija-flôres do céo...

.
 E enquanto sciemos respondem
 Os astros, brancos assiminos.

Nos semos berços que escondem
As almas dos passarinhos

Celeste

(A uma criança)

Eu fiz do Céu azul minha esperança
E dos astros dourados meu thezouro....
Imagina porque, doce criança,
Nas noites de luar meus sonhos douro.
Imagina porque amo a luz mansa,
A luz que boia sobre um cilio de ouro.
E adoro o Mar sem fim, doce criança,
E tudo o que é azul, tudo o que é louro.
Imagina porque peço na morte
Alm esquite todo azul que me transpore
Longe da Terra, longe dos escolhos....
Imagina porque.... mas, lyrico santo!
Não digas a ninguem que eu amo tanto
A cor de teu cabelo e a de teus olhos.

Soli

Ao incomparavel autor das "Canções",

Garcia Redondo.

Formosa e pura como um lyrio puro
 Na sua alvura virginal de neve
 Soli no esquisse pequenino e leve
 Lá vai caminho do sepulchro recuro

Vai vestidinha como a Virgem santa
 Mãe de Jesus, o doce Nazareno:
 Mortalha branca de um alvoro que encanta,
 Monte estrellado côr do Azul sereno

Pallida a face faz lembrar tão linda
 De um lyrio murcho a pallidez sem fim...
 (Como é bonito amortalhado assim
 Um lyrio branco desbrochando ainda!)

O caixãozinho tem a côr divina

No mundo immenso onde Jesus habita.
 É o corpo fido da gentil menina
 Repousa n' elle entre jasmims e fita.

Seu cabellito perfumado e louro
 Cobria todo de cheirosas flores ...
 Era - no a morte sepultada em dores
 Um encantado e virginal thesouro.

Vedes selugão tristes contemplando
 O esquiço santo que caminha ali ...
 Beijos saudosos em formoso bando
 Vão chorando a procura do li.

O' evancinha, é pequenina aurosa!
 Descer as folhas, auncina amiga!
 Rosa adorada que o tufão desliga
 Na haste mimosa, quem te beija agora!

Mas já não ouve o pobre ~~serido~~ morto.
 Tão longe o esquife ~~ninguém~~ mais alcança.
 Barco celeste vai levando ao ~~o~~ porto
 O corpo amado d'esta flor criança.

.....
 É branca e branca como um lysio puro
 Na sua alvura virginal de neve
 Soli no esquife pequenino e leve
 Lá foi caminho do sepulchro escuro.

Bohémias

Quando me vires chorar
 Eu sou infeliz mas creias,
 Eu choro porque no Mar
 Sem sempre cantão sercias.

Choro porque no Infinito
 As estrellas luminosas
 Chorão o orvalho bendito
 Eu faz desbrochar as rosas.

No labio o consolo santo
 É o riso que vem santando...
 O riso de olhar é o pranto!
 Meus olhos sem chorando.

O seio branco da amora
 Desama ~~as~~ ovalhos a flor ...
 O cirio que brilha, chora:
 A dor também que a luz?

Seus olhos cheios de ardores
 Animam rosas nas faces ...
 Que seria d' essas flores
 Me diga, se não chorasses?

Sou moça e bem sabes que
 A moça não tem martyrio ...
 Se chora muito é porque
 Pretende imitar os lyricos.

Enquanto eu viver no mundo
 Meus olhos hão de chorar ...
 Ah! como é doce o profundo

Soluzo eterno do mar!

No labio o consolo santo

É o riso que vem cantando...

O riso do olhar é o pranto:

Os olhos riem chorando.

Volentes

Quanta tristeza se encerra
 No mundo no ceu e véo!...
 Não quero morar na terra,
 Me deixem subir ao Céu...

Me deixem subir ao Céu
 Nos raios d'aquella estrella...
 Minha mãe quando morreu
 Pediu-me que fosse vel-a...

Eu quero subir ao Céu...
 Me mostra o caminho, estrella!

Não foste tu que guiaste
 - O' astro, lyrio sem haste

Que vives chorando além ... —
 Com tua luz rependente
 Aos santos reis do Oriente
 No caminho de Belém?

Pois, eu quero ver Jesus...
 Me faça um brilho de luz.

Ah! que tristeza se encerra
 No mundo no recuo vóo
 Não quero viver na terra,
 Me deixem voar ao Céu!

Me deixa subir ao Céu
 Como uma pomba bem leve
 Que fosse no céu teu,
 O' nuvem branca de neve!

Eu quero voar ao Céu
 Como uma pena bem leve...
~~Quero voar o fengistina~~

Na terra se chora tanto
 Que se Deus guardasse o pranto
 Que o mundo inteiro derrama...
~~Por gestos já no infinito~~
~~O choro do pobre afflicto~~
~~Se a alma apaga a chama~~

Mas todo o pranto que desce
 Por nossa face, parece
 Que Deus o transforma em prece...
 É a prece, cheiros incenso,
 Nas asas do vento muneiro
 Se perde no azul dos Céus
 Buscando o seio de Deus.

~~Eu quero mudar-me em prece,
O' auras levá-me aos céus...~~

Chorando....

(A alma santa de minha mãe)

Fazia noite.... A história
Fudo envolvia em seu véo.
Sugava a natureza,
Chia orvalho do Céu.

E n'aquella noite assim
Tão tenebrosa e tão fria ?
A minha mãe se partia
Para o Céu azul sem fim.

Faltou-me a chorar: filhinha,
O vício do mundo atira....

Reune tu 'alma a minha
Fazamos ambas da terra.

Beijou-me, e qual sonho doce
Sua vida evaporou-se.

O' mãe! porque me deixaste
No mundo sem teu amor!
Sou como o lyrio sem haste
Murchando triste inda em flor....

Podias me ter levado
Ao Céu contigo, divina!
Sua em teu seio amado;
Eu era tão pequenina!

Fiquei sozinha e perdida
O' mãe! no mundo de abrolhos....

Na noite de minha vida
 Derrama a luz de tus olhos!

7
 Não tenho medo da morte...
 Sue deve levar-me a ti,
 O' minha estrella do Norte,
 Men celeste boiary!

~~Sue - me - leva - a - ti -~~
~~Men - celeste - boiary - !~~

Simbólicas.

(A família humana)

Simbólicas

Quando Deus criou o céu
As estrelas em cardume,
Na Terra criou também
As flores, mas sem perfume.

Um dia ao mundo de abroços
A Virgem pura desceu,
Com um manto da cor dos olhos,
E uns olhos da cor do Céu.

No Céu azul de seu manto
Brilhava um astro: Jesus
E em seu olhar sacrosanto
Via a Inocência e a Luz

« Maria ! os Anjos clamarão,

A chorar, vende-a tortindo....
 Eu levas nossa alegria....»
 Mas da Terra lhe acenarão
 As flores todas abrindo:
 Maria!

E Ella deixou do Infinito
 Os resplendentes fulgores,
 Para acudir ao benedito
 Aceno doce das flores

E teve pena de vel-as
 Formosas mas sem ter brilho....
 Olhou sorrindo as estrellas
 Nos cabellos de seu filho.

Fôra Ella que as figura
 Com a graça de um sorriso,

N'um dia de primavera,
Na gloria do Paraíso.

E seus olhos procurarão
Algun occulto thezouro:
Para as flores que faria?
Quando, do Céu, ai chamarão
Os Anjos todos em coro:
"Maria!"

Ta partir.... Que lembrança
Podia deixar no campo?
Dera o sorriso a manga,
Estrellas ao pyrilampo!

Os meigos olhos perpassa
Não sei que tampejo doce....
E a Virgem cheia de graça

No mundo triste evolou - e

Mas, Ella que deu o encanto
Do riso sagrado a infancia,
Da dobra azul de seu manto
Desceu cahir a fragancia

Nosde este dia na Terra —
As flores sabem fallar
A voz da flor é a ambrosia
Que tanta doçura encerra
Quando murmura ao luar:
"Munia!"

Zirna

Foi em Dezembro no mez benedito
 No mez de festa que ella partiu...
 Pede este tempo do seu afflicto
 Minha alma louca tambem fugiu!

Era ~~foe~~ ^{foe} grande minha agonia
 Sue quazi morro de soluçar
 Quando beijei-a na face, quia
 Como uma concha que sai do Mar!

Corria a noite... (Me lembro tanto!)
 Noite de lua, mysteriosa.....
 Choravam aetros no ethero manto...
 Meu Deus, que noite silenciosa!

A lua manea no céu rogava

Como um barquinho n'água do rio
 E parecia que murmurava :
 « Não tão formoso faz tanto frio ! »

No esquisito azulito feito a capricho,
 Por entre rocas de alvura tanta !
 Deixaram firma como no nicho
 Se guarda a imagem de alguma Santa.

O rosto branco das cor do gelo
 Um doce lysio trazia a mente
 Na noite escura de seu cabelo
 Nem um só astro resplandecente !

Ninguém dizia que estava morto
 O labio aberto por um sorriso
 Na terra triste : que desconforto !
 Quanta alegria no Paraíso !

Como uma onça, pura e singella,
 Sua deixa o mundo para ser freira,
 E o da ~~Re~~ branca tinha a capella
 Feita de flores de laranjeira.

Foi sob o manto, formoso e leve,
 Muito esthellado, de azul e tiraz,
 Nas mãos pequenas da cor da neve
 Sordia o terço cor de marfim.

Subiu-me aos olhos em doudo attorno
 O amargo pranto do coração,
 Vendo-a tão linda vestida como
 Nossa Senhora da Conceição.

Os olhos negros eram dous cirios
 Que se extinguiram no pé do altar.

Aquelles olhos, meus dous martirios,
 Quem contemplava em solidas!

O pobre Lorna, nevea accrescena,
 Camelia branca marchada no foute.
 Porque fugiste da vida amena,
 Porque tão cedo me abandonaste!

Eu precisava de teu carinho
 Como de orvalho precisa a flor...
 Em balde busco no meu caminho
 O amparo doce de teu amor!

Anjo da guarda formoso e santo
 Que me escondias nas tuas asas,
 Quem é que agora me ameaça e pro
 Cribicio eterno na face em brocas!

Sem estes olhos que a morte cerra,
 Sem o consolo de teu sorriso,
 Como é que posso viver na terra,
 O minha santa do Paraíso!

Tuas mãos.

(estrofe)

Com dedos de fadas,
 Tão formosos e pequenos —
 As tuas mãos adoradas:
 Que causam tantos martyrios,
 Que eu chamaria dous lipios
 Se houvesse lipios mortaes!

Simples

e y do Gloria Patri

Eu amo minhas lembranças,
 Minhas saudades e dores,
 Assim como amo as crianças,
 Os passarinhos e as flores.

~~Eu amo~~

A tudo e que é paco e triste
 Devemos affeto e luz:
 Pois nada no mundo existe
 Não maior do que uma cruz.

A criança que chora
 É como o lyrio ao nascer:
 Um raio de sol implora
 Para que chegue a viver.

É o raio de sol que damos

Ai! tudo o que é fraco e triste
 Precisa de amparo e luz...
 E nada no mundo existe
 Tão triste como uma cruz!

Por isso adoro as lembranças,
 As acongoiadas e as doces,
 Assim como amamos as canções,
 As cordões e as flores.

177
Sancta Virgo virginum.

Mater purissima
Mater castissima
Mater inviolata

O' santa estremecida,
Formosa e immaculada!
Estrella abençoada
Do Céu de minha vida!

2
Rainha casta e santa
Das virgens do Senhor,
Eterno resplendor
Que o mundo inteiro encanta!

3
Tu és minha alegria,
Meu unico sorriso,
O' flor do Paraíso,
Angelica Maria!

4
Ai' quantas vezes, quantas!
A minha fronte inclina
Orando a ti, divina!
O' Santa entre as mais santas!

7
Amada creatura!
Me lança, internecido,
O teu olhar ungido
De immacula luzura!

5
Enfeitam luz e flôres
O pé de teu altar...
Imenso e eterno mar
Afoga as minhas dores!

6
O' Virgem tão serena!
Tu és meu sonho doce,
Perfume que evolou-se

De um rio de asneira!

8

O' arco da aliança,
Celeste e branco-luz,
Me salva do martyrio,
Senhora da bonança!

9

Envolve no teu véu
A minha triste sorte,
E mostra-me, na morte,
A porta de teu Céu!

1894

Allegria

~~Allegria~~

Tão brancas as sol amarelas,
 O teu cabelo o teu cabellito,
 Sem defeito ao sol que illumina
 Y
 fumaças, penhas, guisa velha.

Tão doce porque, Maria!
 Ao sol o brilhante aoite
 Se vem a terra de Deus
 Porque não gosta da noite

E em tempo que as aves formosas
 O teu cabelo um thesouro!
 O sol que é tão invysivel
 Tão quiza formal. O Coiro

Loira, - Mera! o repouso
Onde deoanço com a luz,
A ~~adela~~ sombra onde ponho
Meus olhos fartos de luz?

Vão queira flor de minh' alma
Sonda esperanças em betão.
O dia não é que acaluma
As magar de coração.

Quando a dor em furia brinca
E he vem magoar o rio,
A ~~escuridão~~ noite brinca
Puro - shiriat sem peccio.

E a minha noite mais pura
No teu cabelo é que a vejo
Esqueço toda a mágoa
Se a tua cabeça heiço!

E agora, santa, avalia
Se Jesus Teus se,
Se chegasse a ver por Ti
O teu cabelo, Maria!
Da por dos astros do Céu!

capitulo novo 111,

capitulo novo 111

Goivos
(A memoria de Trinen)

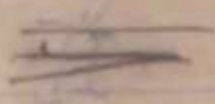
Um dia... (eu era menina)
Eranças... me um fiavelinho
Era uma pre pequenina
Bomhada as calos de um ovinho.

Inda não era sol posto...
Quanto perfumado saza
A ragem fresca e macia
O' aquella tarde de agosto!

Peragatinho, no solo
Unicamente a cantarolar,
Ter logo fez-me a combalar
O pobreinho no solo

Sue tempo estive, não sei!
No mundo inteiro distante,
O jardim de aquella imponente

Ora o. Terra que eu amei.



Depois... a noite escura...
E eu senti dentro do ser
Nas veias que rogo para
Na tarde que além me via.

Minha gaiola pequena
Fui deitar e descansar,
Tecendo lá dentro um mundo
De algodão branco e de fumaça.

Mas dias deprimidos fui.
Sua grande distância me doía
No fundo da garganta
Aqui morto e pobre amor.

Então biquinho entristecido
Qual se morresse a canção.

É um poço de azar aberto
Como se fosse um abismo.

Chorci um hypersissia
Como se chora em orange.
Era a primeira esperança
Sua de não me fugia.
III

Sua amor já não! Entretanto
Do recordo entristecida
A hora em que se tem vida
O meu pequeno encanto.

Que a quella brisa dia,
Do império de orange,
Lembre-se como lembrança
A garbada vasca.

Lembrança ingenua e sagrada.

Canção que se falava
Dentre os meus sonhos de época
Como reliquia adorada!

III

Um dia d'estes, enferma,
Eu recordava, a Claras,
Um sonho que se brilha
Em minha vida tão errada.

É chiquele desconforto
Fui circando o perfil
Sereno, amigo e gentil,
He com um embasamento morto.

I

Quando souvi, muito baixinho,
Um grito, vago e desido,
Como o saudoso gemido
De quem já se foi o mundo.

3
Alguém vem... Mas Desperta
Octava ainda e sozinha!
Aquele gemido vinda
Da da gôlvica decosta.

2
Em um onusaria no mundo
Penetrar na solidade,
Onde gemia a sanção
No meu coração no fundo,

4
Era o soluço choroso
Da ave que se partira
E de meu ser fugira
Em busca do azul formoso!

1
Mas a garota raposa,
Que se conserva noite e dia,
Vão da hora? É o Coração.

E dentro d'elle que moro,
E dentro d'elle que choro
co' alma de onice virada.

Indice

Primeira pagina.	X		7
Angelina.	X	13	8
Tassoando.	X	18	12
Caus amos.	X	5	13
Mystico.	X	12	14
Renato.	X	15	45
Calves.	X	28	17
Mater.	X	6	18
A beira do Mar.		16	20
Olhos azues.	19	29	21
Descontentamento.		35	23
Spinh' alma e o Vaso.	7	17	24
De longe...		33	29
Partindo.		38	31
Antonieta.		125	32

Meu sonho.	75 301 / 12	33
No templo. 2	- X 34	36
Noemi.	49	38
No album de uma amiga.	130 / 23	39
Reia de inverno.		40
Contai!	42 / 26	41
Carlota.	X X	44
Sagrionas.	1 - X 14	45
A morte de Helena.	50 / 22	46
Soneto.	80 -	48
Regina Cali.	5 X	49
O Beija-flor.	64	53
Feliz.	53 / 47	54
No luar.	11 X	57
Desalento.	75 X	60
Página triste.	82	
Morta.	54 / 12	63
A alguém.	24 / 48	65
uma a be recitada uma		

<u>Dolores.</u>	- 56	131	67
Cantando.	- 8 X		68
Pobre flôr!	- 88		72
Um sorriso. X	- 69	14	23
Meu Pai.	- 32	6	26
A ti ...	- 41	122	77
Requardo	- 31	128	79
Minha mãe	- 45		83
<u>Flôres</u>	- 51	14	84
<u>atirado.</u>	- 90		96
A meu bom anjo.	- 55	16	87
Sonca mais.	- 45	24	89
Estada a fóra.	- 4	4	91
O passado.	- 81	127	92
Dois ligeiros. X	- 44	16	94
<u>Bondita</u>	-	146...	97
<u>Orneta</u>	-		98
João	-		104

et...

A memoria de uma ave

70

Na Judia.

25

113

Visita a um tumulo

72

Ao Mar.

60

118

Quadras.

3271

Magoas.

64

135

Hoje.

40

137

Meu coração

8

A volta do verão.

24

No album de Dolores.

85

1413

~~Foram etc. etc.~~

27

Melancolia.

18

142

Pelos pequeninos.

28

A nova.

17

144

No cemiterio.

26

133

89

140

Reminiscencia.

86

O Coração e o beijo

76

108

708

100

111

115

117

118

12

12

12

12

12

12

12

12

12

12

12

12

12

12

Si sua erva ~~branca~~ ^{coroa} era para a cetrilla 193

monja	84	50	139
trança	23	49	140
Saginta azul	37	117	142
do clarão da lua	19	84	144
Rezando	27	7	148
Regoma do coração	X 10	15	157
A luz de teu olhar	117	15	163
Depoimento	73	43	155
Luzidia	61	3X20	452
do joita	39	1X	160
Olhando o céu	2	X	162
Na Capellinha	X 65	170	164
Caminho do sertão	74	X	168
O que são estrelas....	59	34	169
Cedaste	X 5	X	172
Sole	66	173	173
Donermias	62	36	176
Volentes	63	87	179
Chorando	68	45	181
Simbolicas	36	2	182
Linha	48	39	185
Quas mãos	46	16	188
			193

Simplex.	29	/	44	194
aneta	Virgo	virginum	/	13
galea	11		4	209
<u>Phytaria</u>			4	200

18 por
27 Lj

Canthia de castor	10	Soneto	12
Estimote	33	Reiza flor	23
Sobre flor	35		
A memoria de nome	17		

27

